Ano VI — Lisboa, Setembro de 1950 — N.º 65

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

DOIS GRANDES ACONTECIMENTOS ESCOTISTAS

As Reuniões Internacionais

«Estamos todos esperançados que estas actividades trarão ao nosso movimento em Portugal novo e forte incremento» — diz-nos o Eng.º Nobre Santos, Secretário das Relações Internacionais da A. E. P..

Quando o «*Sempre Pronto*» chegar às mãos dos nossos prezados leitores, já se estarão dando em Lisboa acontecimentos escotistas de relevo internacional.

A reunião dos Comissários Internacionais, a reunião do Conselho Mundial de Escotismo e da Comissão Consultiva de Antigos Escoteiros são, como o nosso jornal já noticiou, actividades em que tomam parte grande número de associações escotistas estrangeiras e nacionais.

Ao mesmo tempo em Carcavelos, na Quinta do Junqueiro, gentilmente cedida pelo seu proprietário, os Escoteiros de Portugal efectuam o seu acampamento nacional que será mais um milagre do esforço de todas as unidades acampadas, dadas as condições de improviso em que o mesmo foi organizado.

Apesar do nosso jornal sair exactamente no momento em que se iniciam todos estes trabalhos, não quisemos perder a oportunidade de dar aos nossos leitores uma notícia, necessàriamente sumária, dos referidos acontecimentos.

A recepção aos delegados estrangeiros, entre os quais se contam figuras de grande valor intelectual e social, foi feita no dia 13 no Pavilhão dos Desportos Náuticos, amàvelmente posto à disposição dos escoteiros. Os Comissários começaram a chegar nesse dia de avião e de caminho de ferro e a Comissão de Recepção, constituídas por membros da A. E. P. e do C. N. E., imediatamente os conduzia àquele pavilhão onde lhes eram servidos aperitivos e merendas, seguindo mais tarde para os seus aposentos no Forte das Maias ou em hotéis, no caso de serem acompanhados por suas esposas.

Foi, portanto, ao Espelho de Água que nos dirigimos para saber as últimas notícias sobre estas reuniões. Recebeu-nos o nosso Secretário das Relações Internacionais que, apesar de muito afadigado com os trabalhos de recepção, se prontificou a dar-nos as informações que desejávamos, com o seu natural sorriso de boa vontade. E logo nos disse:

—Desde as primeiras horas da manhã que estão chegando os nossos visitantes, os quais têm sido acolhidos pela Comissão de Recepção com todas as atenções e cuidados possíveis. Os Comissários que mais cedo chegaram, como o Delegado do Brasil, Sr. Major Leo Borges Fortes e o dos Estados Unidos, Sr. Mac Kinney, já hoje visitaram a cidade. O Comissário da Bélgica, Sr. Philip Tossyn, encontra-se entre nós desde segunda-feira.

—E quais são os comissários que já chegaram? —perguntámos.

O Acampamento Nacional

Uma demonstração de boa vontade dos Grupos de escoteiros de todo o país.

No sábado, dia 9 do corrente, começaram a chegar ao Acampamento Nacional os Grupos de Lisboa e arredores, que no domingo iniciaram os trabalhos de montagem dos seus campos.

O acampamento está instalado na Quinta do Junqueiro, em Carcavelos, perto desta linda praia do Estoril, num pinhal que oferece condições interessantes para o efeito.

Durante a semana chegarão os Grupos do Algarve, do Porto e Gaia, do Entroncamento e Setúbal, que virão juntar os seus esforços aos de Lisboa para que o acampamento resulte tão brilhante quanto possível. Espera-se que ao todo se reunam em Carcavelos uns 350 escoteiros.

O acampamento será inaugurado no dia 13, data do 37.º aniversário da A. E. P., que os Grupos acampados comemorarão com um fogo de conselho.

Evidentemente que o curto prazo com que o acampamento foi montado, exige dos seus directores e dos Grupos um maior esforço, que servirá para pôr à prova a boa-vontade e dedicação de todos.

Os serviços médicos estão a cargo do Sr. Dr. Baltasar de Sousa, Secretário Geral da A. E. P..

O S. M. U. e o «*Sempre Pronto*» estão a montar tendas para a venda de artigos de uniforme e publicações.

O Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, Presidente da A. E. P., visitou no domingo, dia 10, o acampamento, inteirando-se do andamento dos trabalhos de montagem e tomando nota de algumas necessidades, que procurará resolver.

Conforme noticiámos noutro local, o Acampamento Nacional será visitado no domingo, dia 17, pelos Comissários Internacionais, que assistirão à festa campo e ao fogo de conselho.

—Além dos já citados, tivemos o prazer de receber o Major-General Daniel C. Spry, do Canadá; Engenheiro Kay Lauritzen, da Dinamarca; Edwin Förmäla, da Finlândia; Pierre Delsuc, da França; Dr. Petrus Van Velzen e E. H. Volkmaars, da Holanda; Glad Brincham e Bob Thomas, da Inglaterra; Giovanni Battista Santucci, da Itália; Jean Salvaj, da Suíça; Dr. Kourkene Medzadourian, da Arménia; Zouhair Dalati e H. Daudashi, da Síria; Sten Thiel, da Suécia; José J. Araújo, da Venezuela. Esperamos mais a todo o momento.

—E do Conselho Internacional do Escotismo?

—Já se encontra entre nós o Dr. Velen Fanderlik, da Checoslováquia, e deve chegar esta noite o General Barão van Voorst tot Voorst. Esperamos a todo o momento o Coronel Wilson e Percy Siebold, respectivamente Director e Secretário da Secretaria Internacional. Ao todo receberemos um mínimo de 35 elementos, alguns deles acompanhados das esposas.

—E quando começam as reuniões?—inquirimos.

O nosso interlocutor respondeu prontamente:

—Amanhã, logo às 9 horas. Haverá sessões durante toda a manhã e de tarde, apenas interrompidas para o almoço.

«Todas as sessões das várias reuniões se realizarão no Forte das Maias, onde funciona a Colónia Balnear Infantil Dr. Teotónio Pereira. Nesse forte procedeu-se a modificações provisórias nalgumas das suas instalações para que os participantes encontrem todas as comodidades razoáveis, podendo dizer-se, sem exageros, que não estarão melhor instalados os que ficarem em hotéis. Os dormitórios, a sala de jantar, as salas de reuniões e de secretaria, tudo foi previsto para que bem agradasse e funcionasse.

«Os belos terraços do forte, onde flutuam as bandeiras das nações representadas, e a proximidade do mar com praia privativa, muito contribuirão para que a lembrança destas reuniões fique bem marcada no coração dos que nelas tomem parte.

«Uma esteno-dactilógrafa — prosseguiu o Eng.º Nobre Santos—tomará apontamentos de todos os trabalhos discutidos nestas reuniões».

—E quando reúne a Comissão de Antigos Escoteiros—perguntámos interessados.

—Na próxima segunda-feira, juntamente com os membros do Conselho Internacional, a fim de que estes tomem conhecimento do resultado do estudo a que procedeu. A Comissão de Recepção deu já conhecimento da realização desta conferência à Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, a fim de que esta se pudesse pôr em contacto com a referida Comissão de Estudo e estar assim ao corrente do que se projecta fazer neste ramo do Escotismo.

«Estamos todos esperançados — declara vivamente entusiasmado o nosso Secretário das Relações Internacionais—que estas actividades trarão ao nosso movimento em Portugal novo e forte incremento. É preciso pois não deixar esfriar as vontades para se aproveitarem ao máximo as boas circunstâncias que se proporcionarem.

—E pode dizer-nos qual o programa geral destes acontecimentos?

—Com todo o gosto — retorquiu o Eng.º Nobre Santos. — Amanhã e depois teremos as sessões dos Comissários Internacionais. No dia seguinte, sábado 16, haverá um passeio com o seguinte itinerário: Cacilhas, Setúbal (recepção na Câmara Municipal), Portinho da Arrábida, onde aquela Câmara oferecerá um aperitivo, Azeitão, onde será servido o almoço. Será feita a volta da Serra, Palmela, novamente Setúbal (jantar na sede do Núcleo C. N. E.). Regresso até Almada, onde os visitantes assistirão a uma velada de armas na cerca do seminário efectuada pelo C. N. E..

«No dia 17, domingo: às 9 horas realizar-se-ão no Forte das Maias cerimónias religiosas cristãs-evangélicas e católicas. Após isto os nossos visitantes seguem de passeio a Lisboa e Sintra, onde haverá recepção na Câmara Municipal e serão visitados os Monumentos da vila. Em seguida ao almoço serão feitas mais algumas visitas, seguindo depois para Cascais e para o Acampamento Nacional da A. E. P., assistindo aí à festa de campo. O jantar será servido no Forte das Maias e à noite será visitado de novo o acampamento, onde os delegados assistem ao fogo de conselho.

«Esperam-se nesse dia os restantes componentes da Comissão Internacional de Escotismo.

«Nos dias 18, 19 e 20 efectuar-se-ão as reuniões do Conselho Internacional e dos Antigos Escoteiros, bem como visitas a entidades oficiais. No dia 20, quarta-feira, haverá um almoço de despedida no Espelho de Água, no qual tomarão parte convidados oficiais e antigos escoteiros. «Na quinta-feira partem os componentes do Conselho Internacional. De tarde, na sede Central da A. E. P., realiza-se uma reunião dos dirigentes das duas associações escotistas com o coronel Wilson. À noite, o Director da Secretaria Internacional de Escotismo visita as sedes dalguns Grupos da A. E. P., na última das quais estarão presentes todos os dirigentes e chefes de grupo que possam comparecer. No dia 22, o mesmo dirigente visita as sedes de Grupos do C. N. E., partindo no sábado para o Porto, havendo aí um fogo de conselho pelo C. N. E.. No dia 24 visita a Guimarães e Braga, havendo nesta cidade uma concentração do C. N. E. com alguns elementos da A. E. P.. Mais tarde realizar-se-á uma reunião com dirigentes do C. N. E., regressando no dia 25 a Lisboa.

E estava terminada a entrevista. Retirámo-nos, agradecendo a solícita atenção do Eng.º Nobre Santos, tendo porém lembrado que voltaríamos para colher mais novidades para bem informar os nossos estimados leitores.

E. R.

Outra vez os Seniores

Um problema do passado, do presente e... do futuro

Nos Escoteiros de Portugal há problemas que perduram através dos anos sem solução e erros que se repetem constantemente. Sucedem-se as Direcções, reconhecem os erros cometidos pelas anteriores, mas persistem neles sem aproveitarem as experiências anteriores. Isto acontece em diversos casos, mas na questão dos Seniores é onde mais se evidencia o estranho facto.

Já se sabe—e será ocioso repetir—que é necessário organizar a Divisão Sénior, que é nocivo o trabalho em conjunto com as restantes Divisões; que os Seniores têm modalidades de acção mais adequadas às características da sua idade; desde há muitos anos que se fala e escreve sobre estes problemas, mas o assunto continua sem solução.

Houve uma Escola de Guias, o programa foi idêntico para juniores e seniores sem se atender às diferentes modalidades. Realizam-se acampamentos mas em conjunto, os Grupos trabalham em conjunto, e, chegados ao Acampamento Nacional, notou-se a falta de um Grupo de escoteiros seniores que assegurasse a sua montagem e funcionamento. Surgiram assim as deficiências, recaíram sobre os ombros dos organizadores todas as responsabilidades, forçando-os a uma acção dispersiva e fatigante.

Se existisse uma Divisão Sénior a funcionar devidamente, ter-se-ia encontrado aí os colaboradores habilitados e de boa-vontade para realizar tão importante actividade.

Ficamos esperançados que estas lições possam ser aproveitadas e que em breve se organize a Divisão Sénior e se constituam os seus quadros.

Até lá não deixaremos de insistir na «Questão dos Seniores» porque *água mole em pedra dura...*

E. R.

ENTRE NÓS, CHEFES

ACAMPAMENTOS DE VERÃO

O essencial para que um acampamento escotista obtenha resultados positivos é que tudo haja sido planeado cuidadosamente com antecedência, que tenha um programa definido e concreto desde que os escoteiros se reúnem para tomar o comboio até que, alguns dias depois, regressem de novo à cidade. Há que ter tudo previsto, porque depois, no transcurso do acampamento, as circunstâncias, os incidentes, o tempo, incluso o nosso próprio critério de educadores, nos forçarão a improvisar mais coisas que as que queríamos. Improvisações que não tenham grande importância, porque o plano geral, a norma estabelecida de antemão para o acampamento, nos servirá de base firme.

Ao fazer o programa de acampamento deve-se ter muito presente a possibilidade que ele tem de ser posto em prática, porque se fazem programas preciosos no papel que logo se tornam impossíveis de realizar no campo. Deve-se dosear racionalmente o trabalho, os jogos e o repouso, de acordo com a mentalidade dos rapazes e os fins escotistas. No campo, sem congestionamentos de nenhuma espécie, há-de haver tempo para tudo menos para o aborrecimento. O projecto deve incluir uma lista completa e pormenorizada de todo o material que devemos levar: material de cozinha, de campo, sanitário, de práticas e jogos escotistas, etc.. Não confieis nada à memória e anotai desde a caixa de fósforos até às tendas de campanha. E antes de partir verificai cuidadosamente se está tudo quanto anotastes, único meio de não ficar nada na cidade,

Salvo se se tratar de acampamentos pequenos ou de uma ou duas patrulhas, ou então de acampamentos volantes, há que fazer todo o possível para depor em mãos experientes, isto é, em mãos de um cozinheiro profissional, o cuidado de encher os juvenis e sempre famintos estômagos dos vossos rapazes. Se não se pode contar com um cozinheiro profissional ou isto se torna demasiado caro para as vossas possibilidades económicas, deveis solicitar os serviços de um clã de seniores para se encarregarem da cozinha do acampamento. Enfim, deve-se fazer o possível para que os acampados, os escoteiros juniores, só tenham que prestar serviços de ordem secundária na cozinha, tais como o transporte de água e de lenha, pelar batatas e outras coisas desse género, serviços em que, naturalmente, se revezam as patrulhas. A cozinha de um acampamento de mais de 50 escoteiros é um trabalho duro, se se quer ter os rapazes devidamente alimentados. É necessário não vos deixardes seduzir pela «experiências de cozinheiro». Isso ficará para as excursões de fim de semana, em que se não dá grande importância ao facto de se queimar um guisado. No campo, os escoteiros têm coisas melhores para fazer que cozinhar.

Se não dispomos de um médico ou de um estudante de medicina no acampamento, é necessário conhecer exactamente onde reside o médico mais próximo, na eventualidade de necessitarmos dos seus serviços.

É de desejar que haja no acampamento água suficiente para nadar, ainda que isso implique uma grave responsabilidade para o chefe. Adoptar quantas precauções se considerem indispensáveis para a segurança dos rapazes durante o banho e mostrar-se inflexível na sua aplicação. A disciplina neste aspecto deve tocar, se for preciso, o aspecto de ditadura. Ninguém pode banhar-se fora da hora marcada para isso e durante o banho haverá uma equipa de emergência, formada pelos melhores nadadores, prevendo qualquer acidente. Não confiar em nada. Tende presente o sucedido, há alguns anos, a um chefe francês, a quem um dos seus rapazes se afogou numa excursão. O chefe havia proibido que tomassem banho sem sua autorização, mas um escoteiro aproveitou um momento de descuido para desobedecer à ordem e lançou-se à água, porém em tão má hora que morreu afogado. Os escoteiros estavam segurados contra acidentes e a companhia de seguros apresentou uma reclamação de 25.000 francos contra o chefe, culpando-o do acidente por negligência no cumprimento da sua missão. O caso foi levado aos tribunais e o juiz condenou o chefe no pagamento de uma quantia inferior à reclamada pelos seguradores. Não o absolveu, pois considerou-se muito bem que «se o chefe deve poder confiar na palavra de um escoteiro, deve também adoptar todas as precauções devidas para assegurar as vidas dos rapazes que lhe estão confiados». Independente do prejuízo material deste caso, há um factor de ordem moral muito importante. Assim pois muito cuidado com o banho, pela segurança dos rapazes, pela vossa própria tranquilidade e pelo prestígio do escotismo.

As pessoas de família dos escoteiros têm o absoluto direito de saber o que pretendeis fazer com os rapazes que vos confiam, e é muito interessante que saibam quais os vossos planos para o acampamento. Por conseguinte deveis enviar-lhes uma cópia do programa que traçastes, meios de locomoção a empregar, o que vão comer nesses dias, para onde podem escrever, em que dias deve ser visitado o acampamento, etc., etc.. Se vos é difícil enviar essas informações por escrito, convocai para uma reunião os pais dos vossos escoteiros e então explicar-lhes-eis pessoalmente todas essas coisas. Podeis também aproveitar essa ocasião para uma troca de ideias acerca dos seus filhos.

Não será necessário dizer que o terreno escolhido para acampamento terá sido visitado prèviamente e comprovado as suas boas condições higiénicas.

Ainda que tudo isto represente um pouco de trabalho, o progresso que se obtém na educação escotista dos rapazes vale bem a pena o fazermos todo o possível para que nenhum deles fique sem haver tomado parte num acampamento de verão.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

Madrid, Julho de 1950.

CIÊNCIA... E PACIÊNCIA

Um interessante Concurso do "Sempre Pronto,,

PROBLEMA N.º 3

Como sabem, uma das provas de classe dos escoteiros é acender no campo, apenas com dois fósforos, uma fogueira.

Lá no Grupo fizeram uma partida ao nosso «Pata Tenra»: Deram-lhe só um fósforo para acender uma fogueira, um archote e uma lanterna.

«Pata Tenra» está embaraçado sem saber por onde começar se não houver quem lhe dê uma ajuda.

PROBLEMA N.º 4

COMPLICAÇÃO GEOGRÁFICA

Forme o nome de uma terra portuguesa, com a seguinte frase:

VÊ LÁ ONDE VAI VER CAIR

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

De Viagem — Em 8 de Agosto findo partiu para Lourenço Marques, onde já se encontra, o nosso estimado amigo e velho escoteiro Edmundo Santos Matos, que vai ali vai fixar residência. Desejamos-lhe as maiores venturas.

● Por ter sido transferido do aeródromo de Lisboa para o de Santa Maria, embarcou no dia 23 de Agosto último com sua família no "Carvalho Araújo,, o nosso caro amigo e camarada João Chaubert Alves. Formulamos votos de muitas venturas no seu novo posto.

A mística das alturas

Da Secção escotista de «AS NOVIDADES»

Foi com extraordinário alvoroço que o grande público radiófilo acompanhou a audaciosa aventura a que se lançou o locutor de rádio Lausanne. Nada menos que escalar o pico de Cervin, e fazer uma transmissão directa das suas impressões.

Quem nunca cometeu o esforço de escalar uma rocha ou subir uma montanha, nunca soube apreciar devidamente a volúpia de alcançar uma vitória sobre precipícios e abismos.

Não temos entre nós escola de montanhismo; nem há ainda a suficiente devoção turística e espiritual pela Serra. E contudo nada melhor do que sentir a pureza dos seus ares, apreciar a vastidão dos seus horizontes, gozar a quietude do seu silêncio, medir a grandeza da sua majestade.

Podemos com verdade dizer, que se alguma coisa se tem feito no sentido de descobrir e valorizar o ambiente único e admirável das nossas montanhas e dos nossos campos, — todo esse esforço se deve, quase exclusivamente, ao movimento escotista.

Todo o acampamento deve constituir uma escola de aprendizagem permanente e de esforço generoso.

No acampamento, a vida torna-se comunitária; e quando um programa se traça, à base de uma aventura nas montanhas, a mística do companheirismo torna-se mais nítida e forte.

Gostaríamos de ver marcados os acampamentos da nossa juventude com programas mais fortes e decididamente duros. Um campo não é apenas um passatempo; tem de ser uma aventura de esforço, energia e audácia.

A filosofia dos últimos tempos espalhou a teoria da força; e, se por um lado ela conduziu a conclusões trágicas, por outro lado, ela fez brotar iniciativas salutares.

Sob o ponto de vista religioso e espiritual ela criou a mística do esforço, das coisas duras, das aventuras difíceis, dos caminhos ásperos, dos cometimentos audaciosos.

Podemos mesmo dizer que isto vem trazer aos nossos rapazes um programa novo e oportuno.

É preciso empregá-lo, para condenar e destruir, de vez, o escotismo de sala, o escotismo de sede, efeminado, indolente, preguiçoso, inútil e até mau.

Caminhar sob o peso da mochila, e sob o peso do sol, ao som de uma canção, por caminhos ainda não conhecidos ou mal pisados, exige um esforço de nítida virilidade.

Traçar na vida uma rota, procurando explorar precisamente aquilo que é difícil, e que tantos julgam impossível, aí está uma norma a seguir em todas as saídas para o campo, e para a serra, sobretudo.

É preciso realizar-se o título que B.-P. queria legìtimamente que fosse conquistado pelos rapazes: *Especialistas do impossível.*

Não sabemos quantos teriam alma para aguentar um programa assim, mas o que nos interessa saber é que os poucos que o conseguissem, mostrariam alma para ir mais além.

Precisamos de conduzir por caminhos destes os nossos chefes e os nossos caminheiros, e só desta forma poderemos confiar-lhes um dia empresas tão duras como a vida as produz.

Jovem que torce o nariz diante de uma dificuldade; que resmunga perante o caso que lhe exige um pouco mais de esforço, não merece ascender a caminheiro; é um falhado no meio da vida, indigno de enfileirar entre os fortes.

Ao pensar num acampamento é preciso escolher as montanhas; é útil sentir que a vida é uma forma de conjugar o verbo subir.

É preciso criar a mística das alturas, que o mesmo é dizer levar os rapazes por caminhos onde é preciso desafiar dificuldades e resolver imprevistos.

Estamos iludidos com o escotismo *estilo passatempo;* onde os rapazes, uma vez fardados, criam a terrível mentalidade da suficiência; e não conhecem classes a tirar, especialidades a conquistar, insígnias a merecer; e sempre mais para diante, até atingir o máximo que é tornar-se «*cavaleiro da Pátria*».

E cremos que tudo isso se deve, em parte, ao facto de os programas de vida de patrulha ou actividades de grupo serem elaborados (quando a sós) de harmonia com a mística e um ideal de esforço, energia, aventura e generosidade. É preciso sacudir o ânimo dos nossos rapazes, em perigo de adormecerem de indolência e preguiça moral.

Poucos resistirão às provas?

Que importa?

Não nos interessa que contemos nas nossas estatísticas com alguns milhares; se só valem o nome de escoteiros algumas centenas.

Não devemos ter a preocupação de apresentar paradas de fardas; o nosso primeiro ideal é preparar fermentos capazes de levedar as massas, entre as quais tenham de actuar e viver. Há quem lamente termos poucos escoteiros, num país de tantos jovens cristãos. E porque não poderemos também lamentar que haja escoteiros de mais; se muitos dos que o parecem não o são, e às vezes não o merecem ser.

Ser escoteiro encerra um tal programa de vida total, física, moral, intelectual, técnica e espiritual, que pode bem considerar-se uma vocação; e como a todas as vocações, se lhe pode também aplicar o dito de Jesus, no Evangelho: «*São muitos os chamados e poucos os escolhidos*».

Ser escoteiro, não é coisa fácil, para quem pensar sê-lo sério.

FERREIRA DA SILVA

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Sumário do Boletim n.º 3/50

Foi publicado, com a data de 15 de Agosto p. p., o boletim oficial n.º 3/50, cujo sumário transcrevemos:

I — Informações do Secretariado das Relações Internacionais sobre as reuniões que se efectuam no nosso país.

II — Aprova o padrão do uniforme para escoteiros lobitos com as seguintes características: blusa de azul claro; calção de azul escuro com alças de 4 cm. de largura, cruzadas nas costas; meias cinzentas e jarreteiras amarelas; lenço da cor adoptada pelo grupo; bóina biscaína com a cabeça de lobo bordada; sapatos pretos.

II — Aceita os pedidos de demissão dos E. C. D. Albano da Silva e João Lobo de Miranda Trigueiros, respectivamente dos cargos de Escoteiro-Chefe Geral Adjunto e de Escoteiro-Chefe Regional do Sul.

Concede uma licença ilimitada ao Sr. Henrique Alves de Azevedo do cargo de Escoteiro-Chefe Geral Adjunto.

Nomeia o E. C. D. Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior para desempenhar o cargo de Escoteiro-Chefe Geral Adjunto.

Nomeia Chefe de Administração do Grupo n.º 94 o E. R. Joel Ribeiro.

Nomeia Adjunto do Chefe Regional do Centro o E. R. João Patrício de Melo e Secretário e Tesoureiro Regionais os E. R. Capitolino Ferreira Macedo e Armando Lino.

Nomeia Chefe de Administração do Grupo n.º 6 o E. R. José Azinheiro Rebelo.

Concede diversas medalhas.

Nomeia para desempenhar cargos respeitantes ao Acampamento Nacional: para Director o E. C. D. Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior e seus adjuntos António Mira Calhau, Aníbal Tomás dos Santos, João Clímaco do Nascimento e Ernesto Clímaco do Nascimento.

O "SEMPRE PRONTO"

Vende-se em Lisboa na

TABACARIA BOA HORA

Rua Nova do Almada, 46

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Noções Gerais de Anatomia

(Continuação do número anterior)

ESQUELETO DA CABEÇA

A cabeça é constituída pelo **crânio e face:**

a) **Crânio.**—É uma caixa ovóide com a parte mais volumosa voltada para trás e ligeiramente achatada dos lados: Compreende duas partes:

1.ª—**A abóbada,** constitui a cobertura da caixa, é formada de diante para trás pelo osso **frontal** pelos dois **parietais** e pelo **occipital.**

2.ª—**A base,** é dividida em três andares (**anterior, médio e posterior**).

b) **Face.** O esqueleto da face, composto de 14 ossos, compreende duas partes distintas, compostas dos seguintes:

Maxilar superior, Malares (que formam as maçãs do rosto) **Nasais** (também chamados ossos do nariz), **Palatinos** (céu da boca), **cornetos, unguis,** e **vómer,** Maxilar inferior; na parte média estão os **dentes** e o **mento** (queixo). Nas **cavidades orbitárias,** situadas de cada lado do nariz, estão os olhos. As **fossas nasais** são duas cavidades separadas por um septo, tendo na sua parede externa três lâminas ósseas enroladas que são os **cornetos,** forradas por uma mucosa destinada à olfacção. Abrem-se atrás, na porção superior da faringe ou **faringe nasal.**

TRONCO

O esqueleto do tronco compreende a **coluna vertebral,** as **costelas** e suas cartilagens e o **esterno.**

a) Coluna vertebral—É formada por 33 ossos chamados **vértebras,** sobrepostas e articulares entre si. As vértebras dividem-se em **verdadeiras** e **falsas.** A verdadeiras são 24; (7 **cervicais,** 12 **dorsais** e 5 **lombares**). As falsas são 9: 5 soldadas entre si formando um osso único—**sacro** ou **osso sagrado**—e 4 também unidas, mas muito atrofiadas, formando um osso—**cóccix.**

As vértebras cervicais ocupam a região cervical (pescoço). A primeira vértebra cervical chama-se **atlas,** a 2.ª **áxis** e a 7.ª tem o nome de **proeminente.** As 12 vértebras dorsais fazem parte do tórax e as 5 lombares estão colocadas no abdómen.

Tórax, ou caixa torácica. — É um cone achatado de diante para trás; a base é inferior e tem mais ou menos 75 centímetros de circunferência; o vértice é circular e mede, em geral, 40 centímetros, é formado, posteriormente, pela coluna vertebral dorsal, lateralmente, pelas **costelas** e cartilagens e, anteriormente, pelo esterno.

As costelas articulam-se com as vértebras pelos **corpos vertebrais** e pelas **apófises transversas,** e ligam-se pela frente ao esterno por meio das suas cartilagens. São ossos pares em número de 12 denominados de cima para baixo.

As sete primeiras chamam-se **verdadeiras costelas** ou **esternais,** as três seguintes (8.ª, 9.ª e 10.ª) chamam-se **falsas costelas** ou **abdominais,** e as restantes (11.ª e 12.ª) denominam-se **costelas flutuantes** por serem livres nas extremidades anteriores. As costelas são separadas pelos **espaços intercostais.**

(Continua)

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Jogos

ACAMPAMENTOS FANTASMAS

Duas patrulhas seniores atacam de noite um local defendido pelos escoteiros de quatro patrulhas juniores, designado no mapa, prèviamente distribuídos às patrulhas.

Os escoteiros juniores estão munidos de «projécteis» fabricados com pequenas pedras embrulhadas em papel, que atiram aos seniores que procuram «furar» a «cortina defensiva». Estes, ao serem atingidos pelos projécteis, consideram-se fora do jogo e ficarão nesse local sentados no chão, calados, sem dar qualquer indicação aos seus companheiros, até que oiça o apito para indicar o fim do exercício. Quando um júnior não possuir projécteis, só poderá pôr os «adversários» fora do jogo, tocando-lhes com as mãos.

Os seniores que conseguirem entrar no recinto, instalarão aí as suas tendas de campanha, para o que, cada patrulha sénior, transportará uma.

O jogo é dirigido por um chefe de jogo e os juniores e os seniores dirigidos pelos respectivos guias de secção, coadjuvados pelos guias de patrulha, que devem combinar entre si os planos de acção com antecedência.

Quando uma tenda for armada, os escoteiros que tal conseguirem apitarão duas séries de «pontos» seguidos, a fim de o chefe de jogo ir verificar o trabalho. O jogo, porém, prosseguirá, só terminando quando o chefe de jogo apitar 00 repetidas vezes, indo então todos os escoteiros reunirem-se-lhe.

Tanto os defensores como os atacantes terão todo o interesse em fazer os menores ruídos possíveis.

As patrulhas juniores partirão da sede ou do acampamento com a devida antecedência, para se irem postar no local determinado.

(Adaptado da revista brasileira «Alerta!», segundo um exercício efectuado pelos escoteiros do Grupo 6 de Olhão).

Como deves escolher o machado para a tua patrulha

Como já deves saber, o machado é um utensílio de grande utilidade no campo. A toda a hora ele presta-nos óptimos serviços e pode dizer-se que ele deve ser um companheiro inseparável do escoteiro no campo. Ora, em vista disso, deves conhecê-lo bem, assim como deves conhecer bem todos os teus outros amigos de carne e osso.

Para os trabalhos de campo não é preciso um machado muito pesado. Deves continuar a usar esse que o teu Chefe pôs à tua disposição, que é absolutamente satisfatório. Bom, mas queres conhecer as características de um bom machado para as nossas actividades de campo, não é verdade?

Em primeiro lugar, deves escolher um machado que tenha o ferro bastante pesado, para que seja suficiente trabalhar com o seu próprio peso. Para que o machado tenha feitio e dimensões apropriados, deve obedecer às seguintes características: traçando uma linha recta entre as pontas do gume e prolongando-a, essa linha deve passar próximo da ponta do cabo, isto é, o cabo deve ser um pouco menos comprido que o limite indicado por essa linha. Além disso, para que o seu peso esteja bem proporcionado, é necessário que, colocando o teu indicador no ângulo formado pelo ferro e pelo cabo, ele se equilibre perfeitamente.

Alguns machados apresentam ainda um arranca-pregos, que é constituído por uma ranhura na parte inferior do ferro, onde se introduz o prego a arrancar, imprimindo-se um movimento de alavanca com o machado apoiado na madeira onde está espetado o prego, segurando-o pela ponta do cabo.

O cabo é metido no arco de ferro chamado *olho.* Deves, contudo, ao fazer este trabalho, atender ao seguinte pormenor: enfia a ponta do cabo no lado do buraco mais estreito. Metes, depois, uma cunha no outro lado do buraco que, aumentando a espessura nessa parte, deixá-lo-á fixado com segurança.

No próximo número dar-te-ei mais alguns conselhos sobre o uso do machado e os cuidados que deves ter com ele. Até lá, bons acampamentos!

PINGUIM DO MEIO-DIA

Sessão de Encerramento do 3.º Curso de Guias

O Escoteiro-Chefe Prof. Júlio Santos, Director da Escola de Guias, fez, na Sessão de encerramento em 28 de Agosto p. p., um discurso, que não publicamos na íntegra por falta de espaço, não podendo, porém deixar de transcrever alguns períodos que consideramos de interesse pela doutrina expressa.

.....

Encerrados os trabalhos deste curso, entendemos que seria útil, num ambiente modesto e íntimo — como deve ser sempre um ambiente de trabalho entre escoteiros — dar contas aos Serviços Centrais, dos resultados obtidos e, simultâneamente, apresentar as conclusões a que chegámos com esta experiência, a todos os títulos digna de registo, não pela parte que me diz respeito, mas pela que se refere à dos meus colaboradores e, sobretudo, à dos rapazes que nela tomaram parte.

O programa do Curso

Elaborado o programa deste 3.º Curso pela A. E. P., houve que ajustá-lo às realidades, sem alterar o pensamento que o concebeu.

Esse ajustamento limitou-se, apenas, a dar outra sistematização às diferentes matérias, mantendo-se, assim, o seu todo.

Vejamos como:

O programa compreende nove rubricas com o respectivo assunto a desenvolver, devidamente enumerado.

A primeira refere-se ao «Conhecimento do Movimento, Insígnias, Bandeira e Hino Nacional», a nona à «Formação do Guia, Doutrina e Técnica da A. E. P.».

Ora, a atitude lógica diante deste problema impõe a separação nítida entre os fins ou objectivos e os meios a empregar para atingir aqueles.

Entendemos, por isso, — e com pleno acordo da A. E. P.—, que devíamos iniciar os nossos trabalhos pela Doutrina, justificativa da técnica a empregar. Deste modo, a nona rubrica passou para nós a ser a primeira.

Com efeito, se o problema da técnica tem uma alta importância, o que interessa não é ter rapazes nas nossas fileiras sabendo, apenas, fazer nós, realizar evoluções, transmitir e receber mensagens, armar e desarmar tendas, enfim, todas essas actividades que constituem, no seu conjunto, a utilíssima técnica escotista; mas, acima de tudo, formar Guias, na verdadeira acepção da palavra, quero dizer: fazer de cada rapaz um Guia com alma de escoteiro, um símbolo do nosso ideal escotista, um exemplo a seguir, um valor a impor-se e a revelar-se, permanentemente, em todas as suas acções.

Por isso se começou pelos objectivos, pela doutrina do Escotismo, impregnada do espírito que a informa. A seguir, vieram os meios empregados para a sua efectivação.

Como se procurou realizar o programa

Os nossos trabalhos revestiram, como era natural, duas modalidades: Actividades de interior, realizadas neste ginásio, e Actividades no campo, qualquer delas com os seus espectos teórico e prático.

As primeiras foram constituídas por 18 sessões e as segundas por 3 bivaques e 3 acampamentos.

Do que foi possível fazer-se e dos resultados obtidos, os meus colaboradores dirão da sua justiça.

Dificuldades encontradas para a execução do programa

A curta duração deste Curso e a falta de tempo com que os nossos rapazes lutam para vencer as dificuldades resultantes da crise económico-social que atravessamos, constituiram os maiores obstáculos à conjugação dos nossos esforços.

Para uma vasta matéria a ministrar, durante 4 escassos meses, dispusemos, apenas, de um dia na semana—2.ª feira.

Sobre a actividade educativa que directamente me dizia respeito, a Educação Física, só consegui realizar uma sessão teórica, por absoluta impossibilidade de os nossos rapazes poderem dispor de mais um dia na semana.

Por um princípio de honestidade, tive, por consequência, de considerar sem efeito esta parte do programa, que reputo do mais alto valor formativo.

O rendimento do 3.º Curso de Guias

Inscreveram-se neste Grupo 52 escoteiros, mas, infelizmente, só 16 conseguiram chegar ao final, com aproveitamento.

Apesar das dificuldades apontadas, este Curso de Guias constituiu, sem dúvida, uma interessante experiência que permitiu verificar as qualidades dos nossos rapazes, e de grandes ensinamentos para nós todos, sobre os quais devemos meditar, para que, nas novas experiências, possamos colher melhores frutos,

Foram 4 meses de trabalho muito duro e difícil para instrutores e rapazes que, por isso mesmo, se impõe pelo seu alto significado de entusiasmo, interesse, fé no esforço próprio e idealismo.

Nota final: Como trabalhei com os meus colaboradores

Desejo ainda informá-los da maneira como se efectivou a nossa colaboração.

Procurei logo de início constituir, com os meus camaradas Clímaco, Alfredo Tovar de Lemos e Raul Matoso, uma verdadeira equipa de trabalho, animada de um autêntico espírito de Patrulha.

Intencionalmente, assumi sempre uma atitude mais de observador do que, pròpriamente, de Director.

.....

Em face do excesso de trabalho material, que o funcionamento de um Curso desta natureza sempre acarreta, propus que se agregassem à Comissão Directora os escoteiros José Maria Albuquerque Lourenço e Félix Bragança.

Trocávamos impressões sobre todas as actividades a realizar e realizadas. Assim, o programa dos trabalhos de campo, sem dúvida os de maior responsabilidade, foram sempre cuidadosamente preparados.

.....

A todos os meus colaboradores, e a vocês, rapazes, envolvo num grande abraço de fraternal amizade.

PROPOSTA

Antes de terminar e convencido de que interpreto o pensamento dos meus camaradas Chefes, desejo propor aos Serviços Centrais:

— Que os futuros Cursos passem a ter uma duração maior e uma maior regularidade para que se obtenha superior rendimento;

— Que a respectiva admissão se baseie numa selecção mais rigorosa de valores;

— Que os futuros cursos funcionem com a plena colaboração dos meus camaradas Chefes;

— Que se enviem, a todos os Grupos, directrizes e normas gerais, como resultado do trabalho realizado, tendentes a imprimirem uma unidade do método e processologia técnica;

—Que o programa do respectivo Curso passe a ter a seguinte sistematização:

Programa

1 — **Educação**
- — Conceito
- — Objectivos. A Personalidade Humana
- — Aspectos dominantes da Educação
- — Meios educativos
- — Educação integral e Educação Física

2 — **Escotismo. Doutrina**
- — Valor educativo e social do Escotismo
- — Carácter moral e o Escotismo
- — O Escotismo e o Sentimento Pátrio

3 — **Escotismo. Sua História e Organização**
- — O Movimento escotista
- — Aspectos nacionais do Movimento escotista
- — Bases orgânicas do Escotismo
- — Organização geral da A. E. P.

4 — **Técnica escotista**
- — Instruções na sede
- — Instruções no campo
- — Material escotista
- — Organização de acampamentos

5 — **O Guia. Sua missão no Movimento escotista**
- — A Patrulha
- — O Guia e a Patrulha
- — A acção educativa do Guia

6 — **Formações e Evoluções**
- — Terminologia
- — Organização das Unidades
- — Meios de comando
- — Posições e movimentos
- — Saudações

7 — **Orientação e Topografia**
- — Pontos cardiais
- — Orientação no terreno
- — Avaliação de distâncias
- — Leitura de cartas topográficas

8 — **Transmissões**
- — Pelo alfabeto homógrafo à cadência 4 (20 letras ou sinais por minuto)
- — Pelo alfabeto Morse por apito, braço ou lanterna à cadência 3 (15 letras ou sinais por minuto)

9 — **Higiene e Primeiros Socorros**
- — A Higiene e o Escotismo
- — Práticas higiénicas. Agentes físicos naturais
- — A Higiene alimentar
- — O Corpo humano (Noções gerais)
- — Primeiros Socorros

10 — **Ginástica. Jogos e Desportos**
- — O exercício físico. Suas diferentes formas educativas
- — Ginástica. Aprendizagem
- — Jogos educativos. Arbitragem
- — Iniciação desportiva

11 — **Trabalhos Manuais**
- — O Trabalho Manual e o Escotismo
- — Construções elementares de aparelhos e utensílios
- — Modelagem
- — Jardinagem e Horticultura. Práticas elementares
- — Desenho à vista

12 — **Canto Coral**
- — Folclore Nacional
- — Canções escotistas

O PODER DE UM IDEAL

Extracto de uma conferência efectuada na sede da União Cristã da Mocidade

Um ideal é o impulsionador da vida do homem, a razão mesma de ser da sua existência. Um homem sem ideal é qual um barco sem bússola e sem leme, atirado para o *maremagnum* da vida, sem destino marcado, sem rota segura. Um homem sem ideal não vive, vegeta; não é livre, é escravo; não caminha, é empurrado. As circunstâncias são a sua força ou a sua cadeia: compelem-no ou manietam-no. Se elas o forçam a andar, anda; pára, se o obrigam a parar. Sem ideal que possa chamar seu, o homem não tem ideias próprias, não tem planos de vida, quase que não tem vontade. Escravos da *sorte*, joguetes do *acaso*, fatalistas até à medula dos ossos, eis o que são os que vivem sem a força propulsora de um ideal. E legião é o seu nome, porque eles são muitos, porque constituem, infelizmente, o maior número. Ou as ideias fatalistas nunca teriam preocupado o cérebro do homem! Ou o determinismo teria morrido logo ao nascer! Foram os fatalistas que geraram o fatalismo, antes que alguém se lembrasse de o arvorar em sistema. Sistema funesto, que cerceia, de um golpe, toda a moral, mas que, em verdade, não tem sido tão funesto como esse fatalismo prático, real, incrustado por séculos na alma do maior número. Oh! quisessem eles despertar para a vida, entrar verdadeiramente na posse da liberdade! Há um Hércules que pode quebrar as cadeias desses milhares de Prometeus agrilhoados à rocha do destino. Esse Hércules é... o Ideal!

* * *

O homem que tem um ideal dá-se-lhe por completo, consagra-lhe o melhor dos seus pensamentos, dos seus afectos, das suas energias. O ideal em troca encoraja-o na luta, anima-o no meio das dificuldades, alenta-o através dos dissabores, ajuda-o a enfrentar todos os reveses, a remover obstáculos, a afrontar perigos. O ideal é a força que o impulsiona, o espírito que o anima, a estrela que o orienta. O *acelerador vital* fantasiado por Wells tem no ideal a sua plena realização. Ele encerra o segredo de uma vida completa, eficaz, abundante.

Os que no mundo logram alcançar um lugar de destaque, os que deixam os seus nomes na história em reverberações de luz, são os que têm a encaminhá-los, a dirigí-los, a impulsioná-los a força potenciadora de um ideal.

Os outros passam despercebidos, ignorados, como se nunca tivessem existido... porque nunca de facto existiram verdadeiramente. A esses aplica-se rigorosamente a inversa daquele célebre entimema de Descartes: «Eu penso, logo existo». Só vivem os que pensam, e só pensam os que tomam a sério a vida, os que não vivem só... porque vivem, mas vivem para alguma cousa, visando um fim, um alvo que deve dirigir e, por assim dizer, explicar, e justificar o curso todo da sua existência. Esses são os que podem dizer com o grande apóstolo: «O que agora faço é que, esquecendo-me de tudo o que fica para trás, e avançando para o que resta para diante, prossigo para o alvo...» Até ao momento em que, antevendo o fim que se aproximava, podia dizer com desassombro: «Combati o bom combate, acabei a carreira...». Esses sim, têm um ideal, e esse ideal mesmo é a sua vida, o que plenamente justifica as palavras de Jesus: «Nem só de pão vive o homem».

* * *

O ideal é o homem. Qual seja o seu ideal, tal será a sua vida. Aquilo que o homem fizer «o seu ideal» há-de influir, seja para bem seja para mal, em toda a sua vida, e decidir do seu destino. Tudo quanto sobre isto se pode dizer foi sintetizado por Jesus nestas palavras sublimes: «O teu olho é a lâmpada do teu corpo. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo será luminoso; mas se o teu olho for mau, todo o teu corpo estará em trevas. Se pois a luz que em ti há são trevas, quão grandes não serão essas mesmas trevas»!»

A vida do homem é sempre a expressão do que ele é em si mesmo, no seu íntimo, e o ideal, ao mesmo tempo que reflecte essa maneira de ser, faz reincidir a sua luz, se ele for luminoso, ou a sua sombra, se ele for trevas, sobre o homem exterior, sobre a conduta, sobre a vida. Um ideal nobre nobilitará o homem e cercará a sua vida de uma auréola refulgente. Um ideal vil não fará senão com que ele se torne um ente desprezível. Isto resume, por assim dizer, uma grande parte da história da humanidade. Que será o homem cujo único ideal é o gozo dos prazeres mundanos? Que será o homem que faz consistir a suprema felicidade na acumulação ou na posse exclusiva das riquezas? «Porque onde está o teu tesouro,—disse Jesus,—aí estará também o teu coração». O ideal digno deste nome deve ser sempre compatível com o destino superior do homem. Jamais deve ser um meio mas um fim. Em suma, se queremos evitar os ideais que, longe de nobilitarem, aviltam e infelicitam; se queremos ter uma vida isenta de egoísmo e de maldade, uma vida nobre e pura, inspiremo-nos no «Homem Modelo», Jesus Cristo, Aquele que Se humilhou até à morte e morte de cruz, para conquistar também um ideal: a salvação do homem.

Todos os que verdadeiramente se têm inspirado nesse Homem Modelo, o «Homem Ideal», a começar pelo grande apóstolo que podia dizer: «O viver para mim é Cristo», têm sido só os de vida mais alevantada, mais nobre, mais perfeita, mas também os que mais úteis têm sido à causa da humanidade. Sim, inspiremo-nos em Cristo! Ele nos guiará também na conquista do Ideal Supremo, o grande x do maior de todos os problemas — o problema do nosso destino —, a grande incógnita que a humanidade sem Cristo procura sem cessar, mas procura debalde.

MOTA SOBRINHO

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

ALEMANHA

Pela primeira vez, na Alemanha, se fundou um movimento educativo com bases no escotismo e fiel aos seus princípios fundamentais. A sua organização foi reconhecida pela Conferência Internacional de Escotismo, no passado mês de Agosto.

A organização escotista alemã (da Alemanha Ocidental) é composta de três associações reunidas na Federação das Associações Escoteiras Alemãs (Ring Deutscher Pfadfinderbunde).

A Federação aceitou tornar-se responsável pela protecção dos objectivos, princípios e métodos do Escotismo; é ela que foi reconhecida como membro da Conferência Internacional de Escotismo e não as três Associações.

HOLANDA

De cooperação com o Centro «Unesco» de Informação, os escoteiros holandeses acabam de inaugurar uma exposição original e instrutiva, que se efectuou no Palácio Real.

Os escoteiros percorreram os consulados de 22 países e pediram as respectivas bandeiras e amostras dos produtos que dos mesmos países a Holanda importa.

No acto inaugural os escoteiros saudaram as bandeiras dos países representados e das Nações Unidas, tendo discursado o «maire» de Amsterdão e o Director do Centro de Informação.

★ ● ★

Ernest Richard Holden

No dia 12 do corrente foi lamentàvelmente atropelado na estrada marginal em Carcavelos, o nosso amigo Sr. Ernesto Richard Holden, que faleceu no dia seguinte no Hospital Britânico, sendo inúteis todos os esforços para o salvar.

O Sr. Holden, que era um admirador do movimento escotista e muito interessado em trabalhos da juventude, foi coronel do exército e vivia há muitos anos em Portugal, país que muito amava, sendo um dos superintendentes da Congregação Evangélica de Almada e um animador do respectivo núcleo da mocidade.

A sua viúva e filhos o «*Sempre Pronto*» apresenta sentidas condolências.



O fogo de conselho

— Miguel, vem comigo, — diz o João Pedro, — preciso que me ajudes.

Com efeito, como o João Pedro se preparava para tirar a insígnia de campista, foi encarregado de acender e alimentar a fogueira do fogo de conselho.

Enquanto o Alberto, o Francisco e o Alfredo se fechavam na tenda a preparar duas espadas e os pijamas para o número a apresentar no «fogo», pelo bando, o guia e o sub-guia dos *brancos* partem com dois panos de tenda a fazer uma grande recolha de lenha.

— Nunca houve tanta lenha, — diz o João ao Miguel que parava muito a recolher os pedaços de madeira. — E depois, eu, como estou encarregado sòzinho da fogueira, quero que esta noite haja uma que cause sensação. Hás-de ver!

Num ponto da clareira, os dois rapazitos amontoaram uma grande provisão de troncos e gravetos muito secos. Ao lado, uns cavacos mais grossos que servem para manter o fogo durante maior espaço de tempo. A seguir, vão eles próprios fazer a fogueira.

— Eu quero evitar antes que tudo ter de me cansar a soprar durante cinco minutos uma pobre chama que não quer viver nem morrer, enquanto toda a alcateia canta: «Sobe ó chama ligeira, fogo tão quente e tão bom». Quero que o fogo crepite logo.

Para conseguir este resultado, o João Pedro amarrota dois jornais, embora não muito apertados, e faz com eles uma espécie de cauda que meterá por entre os ramos; o papel, pegando-lhes o fogo, incendiá-los-á ràpidamente. Depois, forma uma pirâmide com troncos muito secos de pinheiro, muito fáceis de queimar. Mas, cuidado! a chama que crepita imediatamente é bem sabido que mais depressa se apagará. Para evitar isto, ele dispõe agora uma camada de troncos mais grossos.

Está tudo pronto, caixa de fósforos e tudo!

— Vem comigo, — diz o João Pedro, — que eu te explicarei depois como se acende o fogo.

E, sentados debaixo de uma árvore, longe de olhares indiscretos, os dois lobitos preparam o seu número para a noite.

* * *

A noite chegou. A alcateia reúne-se em volta da fogueira. Eis senão quando dois vultos ligeiros saltam para o meio do círculo, e, cantando, dançando e pulando à roda da fogueira, baixam-se, levantam-se, ajoelham-se por um instante e... um ruído do riscar de fósforos e um suspiro de admiração de toda a alcateia: num ápice uma chama clara eleva-se alterosa, alumiando os dois génios do fogo que vieram acendê-la!

«Fogo de conselho, tão quente e tão bom...». As canções sucedem-se umas às outras; depois os lobitos contam histórias: agora vai ser uma farça muito engraçada. Antes dela começar, João Pedro e Miguel deitam na fogueira cavacos de pinho que logo se contorcem e dão uma chama muito forte.

Entre cada número apresentado, os dois «fantasmas» aparecem e, dando saltos à volta da fogueira, lançam-lhe a lenha que traziam e novamente desaparecem para o lado do local de aprovisionamento.

A Chefe dos lobitos anuncia então que a seguir àquela canção vai contar uma história. Era preciso que não a incomodassem com as suas idas e vindas a transportar lenha. Mas João Pedro e Miguel não se atrapalham; trazem um tronco muito grosso que dará uma chama calma enquanto eles escutam as belas aventuras do cavaleiro Reinaldo.

* * *

As chamas extinguiram-se. É à roda de um enorme monte de brasas vermelhas que a alcateia, recolhidamente agradece a Deus, de todo o seu coração, este dia de acampamento...

* * *

Na manhã seguinte, ao pequeno almoço, conversa-se muito. Cada qual dizia uma coisa:

— Lembras-te da história da celha?

— E a batalha de S. Jorge contra o dragão?

— E a história da raposa e do corvo?

— Foi um bom fogo de conselho, — concluiu Bernardo, o guia dos *castanhos*.

— Sou da mesma opinião, — exclamou Akelá, a boa Chefe de Lobitos. — Deve-se muito o sucesso do fogo do conselho de ontem aos dois génios do fogo que nos souberam dar as chamas vivas e crepitantes para os números alegres; a seguir chamas mais calmas enquanto escutáveis histórias e, por fim, deixaram só brasas para que não vos distraísseis no momento da oração. Os dois génios souberam alimentar a fogueira sem nos incomodar durante as nossas canções e histórias... É de facto uma felicidade ter **bons campistas** numa alcateia!

(Da revista escotista francesa "Louveteau")

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Grupo n.º 6 — Olhão

Patrulha de estudo — Nos dias 15 e 16 de Agosto findo, os escoteiros desta patrulha efectuaram um interessante exercício. Os guias e sub-guias juniores acamparam no Cerro de S. Miguel, acompanhados pelo Escoteiro-Chefe Ajudante, e os seniores instalaram o seu acampamento na Ilha de S. Lourenço, fronteira a Olhão.

De noite foram feitas transmissões de morse, com resultados muito satisfatórios. No domingo, durante o dia, com uns toscos heliógrafos de madeira, procurou-se continuar as transmissões. Várias vezes foi possível estar em «foco», mas o fortíssimo vento que soprava, acabava por desfazer as «pontarias».

Exercício-Jogo — Este Grupo levou a efeito no Mato Joinal, o interessante jogo «acampamentos fantasmas», que noutro lugar explicamos. Esta actividade despertou muito interesse nos escoteiros. — C.

«SEMPRE PRONTO»

"Livraria Escotista„

EM PORTUGUÊS

O Guia do Escoteiro, de B.-P....	11$00
Jogos e Distracções para a Mocidade.....	3$00
O Génio de Baden-Powell, de Pierre Bousset	3$00
Como se organiza uma Tropa...	3$50

EM ESPANHOL

Lobatos, por Gilcraft.....	20$00
Scouts, por Gilcraft.....	20$00
Rovers, por Gilcraft	20$00

EM FRANCÊS

Manuel de l'Eclaireur.....	75$00
Les Ponts.	15$00
Les Nœuds et Passerelles	15$00
Les Tresses et Nœuds Décoratifs	15$00
A L'Échelle.....	15$00

Todas as obras de B.-P.

EM INGLÊS

Encarregamo-nos de encomendas das edições da Boy Scouts Association.

Pelo correio acresce o porte